

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E O OTIMISMO NO USO DE CARTÕES DE CRÉDITO POR ESTUDANTES DE CONTABILIDADE

Palavras-Chave: Educação financeira. Otimismo. Uso de Cartões de Crédito. Estudantes de contabilidade.

Thiago Bruno de Jesus Silva

Mestre em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Professor da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

E-mail: thiagobruno.silva@yahoo.com.br

Endereço: Universidade Federal da Grande Dourados, Rodovia Dourados - Itahum, km 12, 89012-900 – Dourados/MS

Luís Antonio Lay

Mestre em Ciências Contábeis pela Universidade Regional de Blumenau (FURB)

Professor da Universidade do Contestado (UnC), e Uniasselvi.

E-mail: luisantoniolay@gmail.com

Endereço: Universidade do Contestado, Campus Mafra, Av. Nereu Ramos, 1071 - Jardim dos Moinhos, 89300-000, Mafra/SC.

Jefferson Carvalho Barros

Mestrando em Administração Pública pelo PROFIAP/UFC

Professor da Faculdade de Balsas.

E-mail: jefferson1adm@gmail.com

Endereço: UNIBALSAS - Faculdade de Balsas, BR 230 – Km 05, 65800-000, Balsas/MA

Paula Gracielle Coelho de Paula Nogueira

Graduada em Ciências Contábeis pela Unibalsas.

E-mail: paula-ao1@hotmail.com

Endereço: UNIBALSAS - Faculdade de Balsas, BR 230 – Km 05, 65800-000, Balsas/MA

Resumo

O objetivo do estudo foi analisar a relação da educação financeira e do otimismo no uso de cartões de crédito por estudantes do curso de Contabilidade. Foi desenvolvida uma pesquisa com abordagem quantitativa, com aplicação de questionário (*survey*) aplicado em 946 estudantes de 105 cidades e 11 estados brasileiros. O tratamento dos dados foi realizado a análise descritiva e do modelo *logit* ordenado. Como resultado, a educação financeira pode ponderar o otimismo destes estudantes de contabilidade na tomada de decisão relativa a assuntos financeiros. Conclui-se que estes demonstram conhecimento adquirido, onde a formação acadêmica contribui para melhor tomada de decisão.

1. Introdução

De acordo com investigações em psicologia econômica, altos níveis de estresse financeiro são frequentemente associados a níveis maiores de estresse psicológico e físico (LYONS, YILMAZER, 2005; MACFADYEN, MACFADYEN, PRINCE, 1996). Os estudos evidenciaram altos níveis de endividamento dos estudantes, que, às vezes, financiam seu curso de graduação, compram material da faculdade, com recursos provenientes do seu cartão de créditos (NELLIE, 2005). Para Manning (1999), o custo imposto aos estudantes pelas dívidas com o cartão de crédito pode citar: constrangimentos e tensões familiares, diminuição do tempo de estudo, visto que aumenta o tempo de trabalho remunerado para quitar as dívidas e, principalmente, problemas psicológicos graves.

Para Robb (2011), as empresas de cartão de créditos entendem os estudantes universitários atraentes, apesar de sua renda baixa, eles possuem potencial para galgar rendimentos muito mais elevado em um futuro próximo. Desta forma, Lyons (2004) aponta que quanto mais cartões de crédito tinha um estudante, maior o risco de acumular mais dívidas. Segundo Diniz et al. (2016), os estudantes são bombardeados com ofertas de crédito, ao considerar a oferta diária em muitas universidades que permitem a ação de marketing de instituições financeiras, sendo que destas, poucas apoiam programas de educação financeira.

Contudo, apenas a educação financeira não é suficiente para a tomada de decisão relativa a assuntos financeiros, pois existem fatores emocionais que afetam o comportamento das pessoas em relação às finanças pessoais, como o otimismo, por exemplo (WILLIS, 2009). Rogers-Silva (2011), define otimismo em termos das expectativas que as pessoas possuem sobre os eventos que ocorrerão no futuro em suas vidas.

Nessas circunstâncias, os estudos buscaram identificar a relação entre a educação financeira, o otimismo e características pessoais desses estudantes, como Hayhoe, Leach e Turner (1999), Joo, Grable e Bagwell (2003), Nakamura, Mendes-da-Silva e Moraes (2011), Gutter e Copur (2011), Kunkel et al. (2013), Hancock, Jorgensen e Swanson (2013), Norvilitis e Mendes-da-Silva (2013) e Diniz et al. (2016). Portanto, torna-se imperativo realizar estudos que procuram lançar luz sobre este tema, ao ter em mente o quão relevante é uma melhor compreensão do comportamento de crédito de jovens adultos (MENDES-DA-SILVA, NAKAMURA, MORAES, 2012).

Neste interim, ao considerar que os discentes de contabilidade estudam o controle patrimonial durante sua escala educativa no curso, pressupõe que estes estudantes possuem conhecimento em educação financeira, o que pode influenciar no seu otimismo e, em consequência, no uso de cartões de crédito. Diante do contexto, delineou-se o seguinte problema

de pesquisa: **qual a relação da educação financeira e do otimismo no uso de cartões de crédito por estudantes do curso de Contabilidade?** O objetivo do estudo foi analisar a relação da educação financeira e do otimismo no uso de cartões de crédito por estudantes do curso de Contabilidade.

Devido a potencial influência que os cartões de crédito têm sobre as pessoas, sobretudo os estudantes, torna-se salutar identificar quais fatores contribuem para o número de cartões de créditos. Destaca-se a existência de preocupação entre os educadores sobre o abandono do curso na universidade por razões financeiras, especialmente a dívida com cartão de créditos (HANCOCK, JORGENSEN, SWANSON, 2013). Segundo Norvilitis e MacLean (2010) explicam que esta é uma característica de que mais cartões trazem mais dívidas, e mais dívidas trazem mais cartões. Desta forma, os achados desta investigação podem contribuir com informações sobre o comportamento que os estudantes de contabilidade adotam não só na condução da gestão financeira, bem como na vida.

2. Referencial Teórico

Este capítulo se inicia com os aspectos conceituais sobre educação financeira e otimismo. Na sequência, apresentam-se estudos relacionados ao cerne desta investigação, levantados em bases de dados como Portal de Periódicos Capes, JSTOR, *Science Direct*, *Scopus - Document Search* e SPELL – *Scientific Periodicals Electronic Library*.

As palavras-chave utilizadas para as buscas dos estudos foram: Educação financeira, otimismo e cartões de crédito. Para os artigos internacionais foram utilizados esses mesmos termos em inglês: *Financial education, optimism, credit cards*.

A partir destas publicações, foram levantados os trabalhos clássicos de períodos anteriores que possuem alto impacto (APOSTOLOU et al., 2010).

2.1 Educação Financeira

Para Van Rooij et al. (2011), desde a década de noventa, ocorreram mudanças sociais políticas e econômicas que transformaram, de forma significativa, a maneira com que as pessoas devem lidar com suas finanças pessoais. Hoje em dia, o cidadão comum tem que administrar suas finanças num ambiente em que os mercados financeiros e de capitais estão mundialmente interligados e em que há um amplo leque de produtos financeiros sofisticados. No mais, com a redução e abrangência da seguridade social, as pessoas ainda devem planejar, poupar, e cuidar dos recursos da própria aposentadoria, enquanto são bombardeados por produtos de consumo cada vez mais sofisticados e possuem à disposição uma diversidade de opções para obtenção de crédito, inclusive pela popularização dos próprios cartões de créditos.

Neste interim, o termo educação financeira refere-se à definição para o construto conhecido em âmbito internacional como “*financial literacy*”, cuja definição conceitual tem sido discutida por parte dos pesquisadores, como os pesquisadores Moore (2003); Criddle (2006); Mandell (2007) e Redmund (2010).

Moore (2003) explica o indivíduo educado financeiramente é aquele que teve acesso ao conhecimento sobre o assunto e que pode demonstrar que já utilizou o conhecimento adquirido. A educação é obtida por meio da experiência prática e da ativa aplicação do conhecimento. À medida que a educação financeira do indivíduo se eleva, ele se torna mais sofisticado e mais competente, financeiramente.

Para Criddle (2006), ter educação financeira não é apenas saber checar contas bancárias ou elaborar orçamentos para poupança futura. Segundo esse autor, a definição de educação financeira inclui o aprendizado quanto à escolha de uma multiplicidade de alternativas para estabelecer os objetivos financeiros e a reflexão sobre os próprios valores sobre dinheiro.

No entendimento do Remund (2010) que, no período de 2000 a 2010, revisou cem fontes de pesquisa sobre o tema, e que demonstra as várias definições conceituais de educação financeira dividem-se em cinco categorias: conhecimento de conceitos financeiros; habilidade de comunicar-se utilizando estes conceitos; aptidão em administrar as finanças pessoais; habilidade em tomar decisões financeiras apropriadas; confiança em planejar-se financeiramente, de forma efetiva, para necessidades futuras.

Ao se basear nos conceitos-chave que identificou na literatura, Remund (2010) define educação financeira como o grau em que um indivíduo entende os principais conceitos financeiros e possui a habilidade e confiança para administrar, de forma apropriada, suas finanças pessoais, através de decisões de curto prazo e planejamento financeiro de longo prazo, em meio aos eventos que ocorreram em sua vida e às mudanças de condições econômicas.

As evidências sobre a relação entre a educação financeira e os comportamentos observados têm sido inconsistentes e observações diferentes são observadas dependendo do tópico ou da população de interesse. Entre a população em geral, há evidências de que o conhecimento financeiro e o uso do cartão de crédito estão positivamente relacionados. (ROBB, 2011).

A pesquisa de Chen e Volpe (1998) foi uma das primeiras a fornecer evidência de uma ligação entre educação financeira e decisões entre estudantes universitários. Os alunos foram divididos em mais conhecedor e menos conhecedor, categorias baseadas em uma pesquisa de 36 perguntas que tratam de vários aspectos de finanças pessoais. Estudantes mais conhecedores obtiveram pontuações mais altas em despesas hipotéticas, investimento e decisões de seguros quando comparadas com alunos menos conhecedores. Estudantes mais experientes também foram mais propensos a manter registros financeiros. Destaca-se que evidência semelhante foi observada no de uso de cartão de crédito.

Robb (2011) examinou a relação entre a educação financeira e o uso do cartão de crédito dos estudantes universitários. A disponibilidade generalizada de cartões de crédito tem levantado preocupações sobre como os estudantes universitários podem usar esses cartões, dadas as consequências negativas (tanto imediato e longo prazo) associado com o abuso de crédito e má gestão. Ao estudar uma amostra de 1.354 estudantes de uma grande universidade do sudeste americano, os resultados sugerem que o conhecimento financeiro é um fator significativo nas decisões do cartão de crédito

de estudantes universitários. Estudantes com pontuação mais alta em uma medida de conhecimento financeiro pessoal são mais propensos a se envolver em um uso mais responsável do cartão de crédito.

Nakamura, Mendes-da-Silva e Moraes (2011) verificaram a existência de associações entre perfil de estudantes universitários e comportamentos considerados 'de risco' no uso de cartões de crédito. Para tanto, foram empregadas regressões com variável de resposta binária, a partir de 769 estudantes universitários na cidade de São Paulo. Como resultado, existem indícios significativos de que a educação financeira pode influenciar o comportamento dos estudantes frente à sua propensão a assumir comportamentos arriscados no uso de cartões de crédito.

Vieira, Bataglia e Sereia (2011) analisaram se a educação financeira obtida junto aos cursos de graduação influencia na atitude de consumo, poupança e investimento dos indivíduos. A população escolhida para a pesquisa é composta por 610 alunos de graduação dos Cursos de Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis de uma universidade pública do norte do Paraná. Ao empregar o método de determinação do tamanho de uma amostra para um universo finito, ao nível de significância de 5% e margem de erro amostral tolerável de 5%, determinou-se o tamanho mínimo da amostra de 303 alunos, sendo que a amostra foi estratificada considerando apenas os alunos da primeira série e a última série de cada curso. Verificou-se que a formação acadêmica contribui para a melhor tomada de decisões de consumo, investimento e poupança dos indivíduos, porém, os aspectos analisados não obtiveram relevância estatística significativa. Contudo, existem outras fontes de conhecimento que são também relevantes, como a experiência prática e a família devem ser melhores analisadas em investigações futuras.

Mendes-da-silva, Nakamura e Moraes (2012) tiveram como objetivos (a) identificar e caracterizar os estudantes que estavam mais em risco de má administração e uso indevido de cartões de crédito; (B) identificar algumas das consequências ocultas da má gestão financeira para os estudantes; E (c) fornece algumas informações sobre os recursos e serviços educacionais que poderiam ser desenvolvidos para ajudar os alunos a gerenciar melhor sua dívida de cartão de crédito e outras finanças. Para o desenvolvimento desta pesquisa, em 2011, foram coletados 769 questionários válidos de estudantes universitários de São Paulo, principal centro financeiro do Brasil. Ao utilizar os modelos *Logit*, os principais resultados sugerem que a educação financeira pode contribuir para um comportamento positivo ao usar um cartão de crédito.

Hancock, Jorgensen e Swanson (2013) examinaram a influência das interações com os pais, experiência profissional, conhecimento financeiro, atitudes de cartão de crédito e características pessoais nos comportamentos dos cartões de crédito dos estudantes universitários. Com base nos dados coletados em sete universidades americana (N = 413), o estudo apontou que os alunos que tinham pais que discutiam sobre finanças, eram novos com mais de dois ou mais cartões de crédito. Além disso, o número de cartões de crédito foi a única variável dependente influenciada pelo sexo e medo de cartões de crédito. Estes resultados destacam a importância de intervenções na vida dos estudantes universitários, o que inclui o envolvimento dos pais como positivo.

Potrich et al. (2014) investigaram o nível de educação financeira dos habitantes do Rio Grande do Sul e identificaram se existem diferenças nos níveis de educação segundo as variáveis socioeconômicas e demográficas. Para isso realizou-se uma pesquisa com 1.067 indivíduos e a análise dos dados foi através da estatística descritiva e multivariada. Os principais resultados revelam maiores níveis de educação financeira entre os homens, solteiros, que não possuem dependentes, estudantes e/ou bolsistas, com um maior nível de escolaridade, tanto seu, quanto dos seus pais, com maiores faixas de renda própria e familiar e residentes na região centro ocidental rio-grandense. Todavia, o nível de educação financeira na amostra de rio-grandenses avaliada atingiu patamares preocupantes, ao acertaram 67% das questões de educação básica e 62,34% das questões de educação avançada, revelando um nível médio de educação financeira, porém muito próximo ao nível baixo (abaixo de 60%).

Os resultados dos estudos demonstraram a influência da educação financeira no uso dos cartões de crédito. Outros fatores, como a interação com os pais, experiência profissional e características profissionais podem explicar o uso dos cartões de crédito. Assim, espera-se que o estudante de contabilidade demonstre conhecimento adquirido (MOORE, 2003), onde a formação acadêmica contribui para melhor tomada de decisão (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2013).

Contudo, para Willis (2009), a educação financeira não é suficiente para a tomada de decisão relativa a assuntos financeiros, pois existem fatores emocionais que afetam o comportamento das pessoas em relação às finanças pessoais, como o otimismo, por exemplo.

2.2 Otimismo

Segundo Boddington e Kemp (1999), os estudantes, ao longo dos anos na academia, aumentaram seu grau de dívida, bem como a tolerância à dívida. Neste sentido, a dívida do estudante não poderia ser atribuída à imprudência financeira, contudo a uma postura altamente otimista. Neste sentido, Rogers-Silva (2011), define otimismo em termos das expectativas que as pessoas possuem sobre os eventos que ocorrerão no futuro em suas vidas. O otimismo é considerado uma atitude psicológica de orientação de vida, segundo Mewse, Lea e Wrapson, (2011), que em termos das expectativas que o indivíduo possui sobre os eventos que ocorrerão no futuro em suas vidas. Parker (2006) explica que o otimismo tende a ser maior quando os indivíduos possuem compromisso emocionais com os resultados.

Kunkel et al. (2015) e Diniz et al. (2016) evidenciaram que o indivíduo otimista tende a diminuir o nível de endividamento e o número de cartões de créditos, visto ser considerados como possibilidades de contração de dívidas. Neste interim, Kunkel et al. (2015) explicam que os indivíduos, como consumidores, procuram controlar o seu comportamento com o intuito de evitar compras por impulso.

Para Beal e Delpachtra (2003), a orientação otimista para o presente, ou para o futuro, interfere claramente na situação de preferência do tipo de endividamento, também para a interpretação da relação com o dinheiro, como na forma de pagamento. Os autores supramencionados (2003) concluem que os indivíduos com forte orientação para o presente

optam por contrair mais empréstimos, já indivíduos com orientação para o futuro preferem uma alternativa de redução no prazo de pagamento.

Kim e DeVaney (2001) concluíram que problemas de dívidas com cartões de créditos estão relacionados com a crença otimista de que no futuro o ganho do indivíduo será maior e que o problema de dívida gerado no presente, poderá ser resolvido em curto prazo. Diniz et al. (2016) evidenciaram que a educação financeira e o otimismo possuem influência negativa nos números de cartões de créditos com 559 indivíduos brasileiros.

Ao considerar que os discentes de contabilidade estudam o controle patrimonial durante sua escala educativa no curso, pressupõe-se que estes estudantes possuem maior conhecimento em educação financeira, o que pode influenciar no seu otimismo e, em consequência, no uso de cartões de crédito. Assim, espera-se que este resultado seja convergente ao do Kunkel et al. (2015) e Diniz et al. (2016) em relação a educação financeira e o otimismo com uma influência negativa no uso de cartões de créditos

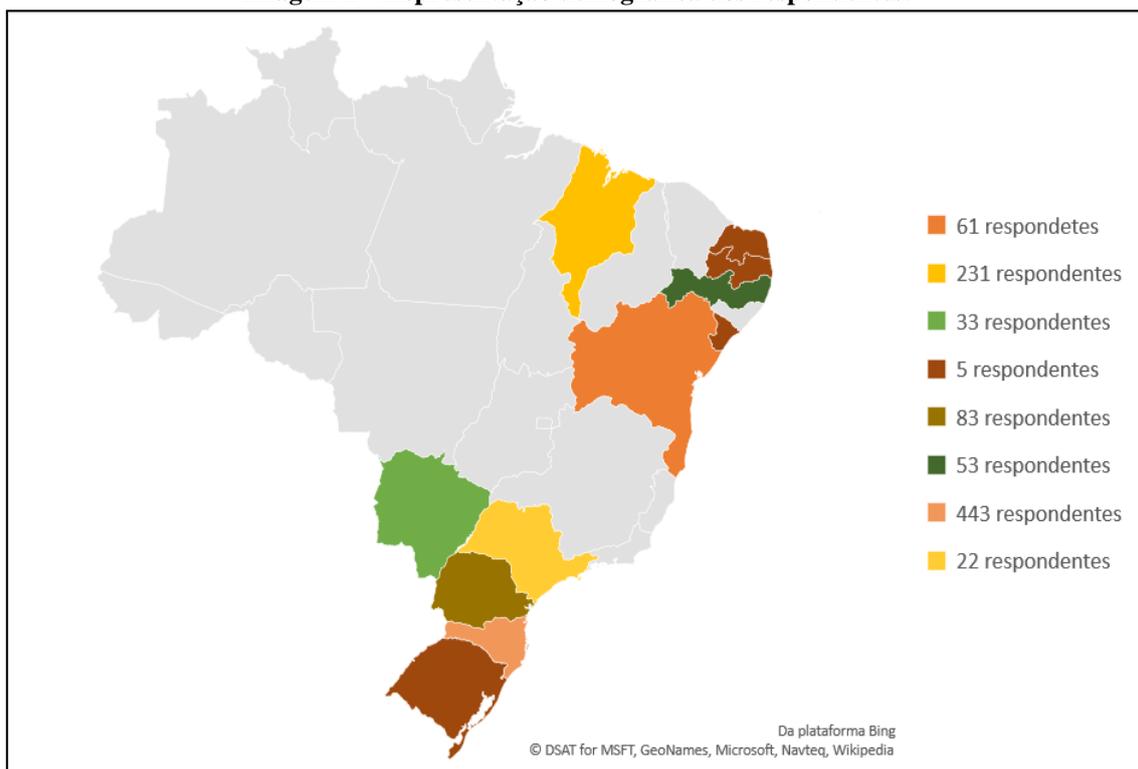
3. Trajetória Metodológica

O estudo teve o objetivo de analisar a relação da educação financeira e do otimismo no uso de cartões de crédito por estudantes do curso de Contabilidade, adotou-se utilização de dados provenientes de questionários aplicados aos estudantes. A abordagem do estudo foi quantitativa, sendo utilizados procedimentos estatísticos para responder à questão da pesquisa.

A amostra do estudo compreende estudantes do Curso de Ciências Contábeis na modalidade de ensino presencial de diversas instituições de ensino superior do Brasil que possuam o curso de Ciências Contábeis da região Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste, com um total de 946 respondentes e destes 60,5% são do sexo masculino e 39,5% são do sexo feminino. A coleta de dados ocorreu entre os meses de março a maio em sala de aula algumas instituições e, também, na plataforma *google docs*.

O estudo teve como respondente uma população das regiões apresentadas na Imagem 1.

Imagem 1 – Representação demográfica dos respondentes.



Fonte: Dados da pesquisa.

Entre os estados, o estado de Santa Catarina que obteve um maior número de respondentes teve um alcance de 54 municípios, o estado do Paraná com 17 municípios, a Bahia com 10 municípios, São Paulo com 8 municípios, com uma abrangência de 5 municípios os estados de Mato Grosso do Sul e Maranhão, já Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Sergipe e Paraíba com dois municípios e Pernambuco com um município.

O instrumento de coleta de dados foi formado por questões com o intuito de caracterizar o respondente, como gênero, idade, estágio no curso, renda e ocupação profissional e por questões que visava a construção das variáveis educação financeira e o otimismo, conforme Quadro 1 e 2.

Quadro 1 – Questionário sobre educação financeira

Cod	Questão	Sim	Não
EF1	Você já fez algum curso de finanças pessoais?	1	0
EF2	Você já pediu dinheiro emprestado para parentes ou amigos?	1	0
EF3	Antes de sair às compras você prepara uma lista	1	0
EF4	Você possui um orçamento pessoal, no qual procura lista todas suas despesas e receitas?	1	0

Fonte: Hayhoe et al. (1999)

No Quadro 1, utilizou-se questões sobre às práticas financeiras que os estudantes podem ou não ter. Para responde-las o respondente poderia optar por sim ou não. Neste sentido, as respostas foram transformadas em *dummy*, ou seja, Sim=1 e Não=0. Para transformação destes escores individuais na variável Educação Financeira foi utilizada a seguinte fórmula: Educação Financeira=EF1+EF2+EF3+EF4, conforme pode ser visto no Quadro 3. Assim, a variável criada pode variar de 0 a 4, sendo que, quanto maior a pontuação, maior o conhecimento do estudante em educação financeira e melhores são as suas habilidades em finanças pessoais. Destaca-se que, para o cálculo da variável educação

financeira, a EF2 foi invertida de forma a se obter uma maior pontuação, quanto ao nível de conhecimento em educação financeira.

No Quadro 2, apresenta-se o questionário com questões relacionadas ao Teste de Orientação de Vida (TOV) validado no Brasil por Bandeira et al. (2002).

Quadro 2 – Questionário sobre otimismo

Cod	Questões
O1	Nos momentos de incerteza, geralmente eu espero que aconteça o melhor.
O2	É fácil para eu relaxar
O3	Se alguma coisa ruim pode acontecer comigo, vai acontecer.
O4	Eu sou sempre otimista com relação ao futuro
O5	Eu gosto muito da companhia dos meus amigos e amigas
O6	É importante que eu me mantenha sempre em atividade
O7	Quase nunca eu espero que as coisas funcionem como eu desejaria
O8	Eu não me zango facilmente
O9	Raramente eu espero que coisas boas aconteçam comigo
O10	De maneira geral, eu espero que aconteçam mais coisas boas do que coisas ruins

Fonte: Bandeira et al. (2002)

De acordo com as afirmações voltada à condição psicológica, os estudantes deveriam atribuir uma resposta entre 1 (“discordo totalmente”) e 4 (“concordo totalmente”).

O TOV mensura a forma como os indivíduos percebem sua própria vida, seja de uma forma mais ou menos otimista, conforme Bandeira et al. (2002). Neste sentido, utilizou-se dez questões que avaliaram a condição psicológica dos respondentes, sendo que, três questões são positivas (O1, O4 e O10), quatro são neutras (O2, O5, O6 e O8) e três são negativas (O3, O7 e O9), alocadas de forma aleatória com o intuito de evitar que as respostas fossem tendenciosas e enviesadas.

Assim, para construção da variável otimismo foi utilizada a seguinte fórmula: $\text{otimismo} = O1 + O3 + O4 + O7 + O9 + O10$. Foram somadas ao escore final apenas as questões positivas e negativas, considerando que as neutras não visavam avaliar o construto de orientação de vida. Para as questões negativas seus escores tiveram que ser invertidos de forma que todos os valores próximos a 4 indiquem um maior grau de expectativa otimista em relação à vida.

Ressalta-se que a seleção desses instrumentos se deu por serem utilizados de forma semelhante ao estudo do Diniz et al. (2016), que investigaram a influência da educação financeira e do otimismo no número de cartões crédito.

Em seguida, apresenta-se o constructo da investigação com a variável dependente e as variáveis independentes, conforme Quadro 3.

Quadro 3 – Constructo das variáveis do estudo

Variável	Proxy	Relação esperada	Fundamentação
Variável dependente			
Número de cartão de créditos	= Valor 0 para não ter cartão, valor 1 para ter um		Hayhoe et al. (1999); Norvilitis e Mendes-Da-Silva (2013); Diniz et al. (2016)

	cartão e valor 2 para ter dois ou mais cartões		
Variável independente			
Educação financeira	= Soma das questões EF1+EF2+EF3+EF4	Positiva/negativa	Hayhoe <i>et al.</i> (1999); Beal e Delpachtra (2003); Disney e Gathergood (2013); Diniz <i>et al.</i> (2016)
Otimismo	= Soma das questões O1+O3+O4+O7+O9+O10	Positiva/negativa	Boddington e Kemp (1999); Kunkel <i>et al.</i> (2015); Diniz <i>et al.</i> (2016)
Educação financeira X Otimismo			Roberts e Jones (2001); Nakamura <i>et al.</i> (2011); Diniz <i>et al.</i> (2016)
Gênero	= valor 0 para homem; valor 1 para mulher	Positiva/negativa	Hayhoe <i>et al.</i> (1999); Diniz <i>et al.</i> (2016)
Idade	= idade		Hayhoe <i>et al.</i> (1999); Diniz <i>et al.</i> (2016)
Estágio no curso	= Valor 1 para até o 4º semestre; valor 2 para após do 4º semestre	Positiva/negativa	Boddington e Kemp (1999); Gutter e Copur (2011); Vieira, Bataglia e Sereira (2011)
Renda	= Valor 1 entre R\$ 400 e R\$ 600; Valor 2 entre R\$ 600 e R\$ 1.000; Valor 3 entre R\$ 1.000 e R\$ 1.200; Valor 4 entre R\$ 1.200 e R\$ 1.600; Valor 5 entre R\$ 1.600 e R\$ 2.000; Valor 6 entre R\$ 2.000 e R\$ 3.000; e Valor 7 mais de R\$ 3.000	Positiva	Hayhoe <i>et al.</i> (1999); Diniz <i>et al.</i> (2016)
Ocupação profissional	= Valor 0 para quem não trabalha e valor 1 para quem trabalha		Hayhoe <i>et al.</i> (1999); Diniz <i>et al.</i> (2016)
Interação com os pais	= Escala likert 1 a 4 (nunca - sempre)	Negativa	Hancock, Jorgensen e Swanson (2013)

Fonte: Elaboração própria (2017).

Além das variáveis independentes educação financeira e otimismo, foram incluídas variáveis voltada a caracterização dos estudantes também fundamentadas nas pesquisas realizadas anteriormente. A variável gênero foi incluída para analisar se homens e mulheres possuem a mesma quantidade de cartões. A variável idade teve o intuito de observar se idade diferente influência no número de cartões. A variável estágio no curso foi incluída para analisar se a evolução discente no curso influencia o número de cartões. Já na variável renda e ocupação profissional foi para analisar se o estudante utiliza crédito porque trabalha. A variável interação com os pais teve o intuito de observar a influência dos pais no uso de cartões de créditos.

Além dessas variáveis, incluiu-se uma variável de interação entre educação financeira e otimismo, com o intuito de observar se essa combinação influencia no número de cartões de crédito dos estudantes.

Visando o processamento dos dados, utilizou-se o modelo logit ordenado ao considerar a natureza qualitativa das variáveis. Este modelo é usado quando as variáveis independentes são categóricas ou quantitativas. Contudo, caso a variável dependente possua uma ordenação entre as suas categorias, torna-se mais adequado o uso do modelo logístico para respostas ordinais, conforme Agresti (2012).

4. Análise e Discussão dos Resultados

Nesta seção serão expostos e discutidos os resultados da pesquisa. Inicialmente apresenta-se a análise descritiva dos dados e, em seguida, a análise do modelo *logit* ordenado.

Na Tabela 1 apresenta-se as estatísticas descritivas das variáveis independentes utilizadas do estudo.

Tabela 1 – Estatística descritiva das variáveis independentes

	N	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão
Cursando qual semestre	946	1	10	5,02	2,461
Idade	946	16	69	23,17	5,878
Sua renda está	946	1	7	3,79	1,771
Conversa com os pais sobre finanças pessoais	946	1	4	2,68	1,111
Educação financeira					
EF1	946	0	1	0,230	0,422
EF2	946	0	1	0,619	0,480
EF3	946	0	1	0,605	0,489
EF4	946	0	1	0,687	0,464
Otimismo					
O1	946	1	4	2,598	1,140
O3	946	1	4	1,714	1,103
O4	946	1	4	2,844	1,036
O7	946	1	4	1,744	1,198
O9	946	1	4	1,628	1,377
O10	946	1	4	3,338	0,950

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme apresentado na Tabela 1, o total de respondente foi de 946 estudantes de Ciências Contábeis, em que 60,5% dos respondentes foram do sexo masculino e 39,5% do sexo feminino. Dentre os respondentes, o maior número foi do 3º e do 5º semestre, 20,1% respectivamente. Já o 10º semestre foi o que obteve menor participação na amostra do estudo com um total de 3%. Os respondentes da pesquisa têm uma média de idade de 23 anos. A renda média ficou entre R\$ 1.000 a R\$ 1.200, um total de 22% da amostra. Destaca-se que 80,33% da amostra possui uma ocupação profissional. Em relação a conversa com os pais sobre finanças pessoais a média ficou abaixo de 3, o que evidencia que a maioria não mantém uma conversa com os pais sobre finanças pessoais. Hancock, Jorgensen e Swanson (2013) mencionam a importância de intervenções na vida dos estudantes universitários no uso dos cartões de créditos.

Ainda na Tabela 1, a variável Educação Financeira demonstra que parte da amostra não tem curso de finanças pessoais. Entretanto, mais da metade da amostra já pediu dinheiro emprestado, faz lista de compras e faz um orçamento pessoal.

Já variável Otimismo, a amostra deste estudo se demonstrou otimista, visto nas questões O1, O4 e O10, que considera quanto maior a pontuação é mais otimista, sendo que as médias desta foi superior a 2,5, que representa o ponto central, e nas questões O3, O7 e O9 quanto menor melhor, a média também se evidencia menor que 2,5. Beal e Delpachtra (2003) concluíram que a orientação otimista para o presente ou para o futuro, interfere claramente na situação de preferência do tipo de endividamento, para a interpretação da relação com o dinheiro, assim como na forma de pagamento.

Pode-se observar que a maioria respondentes estão no 5º semestre, com idade média de 23 anos, renda média de R\$ 1.100, conversam de forma moderada com os pais sobre finanças pessoais, a sua educação financeira está com média de 2,14 pontos de um total de 4 pontos e seu otimismo médio de 13,87 pontos, de um total de 24 pontos.

De forma semelhante como foi feito para as variáveis independente, apresenta-se na Tabela 2 a estatística descritiva da variável dependente.

Tabela 2 – Estatística descritiva da variável dependente

		N	Porcentagem marginal
Quantos cartões de crédito você possui	0	412	43,6%
	1	366	38,7%
	2	168	17,8%
Total		946	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que 56,4% da amostra possuem cartão de crédito, sendo que apenas 17,8% utilizam 2 cartões ou mais, 38,7% possuem apenas um e 43,6% nenhum. Os resultados são semelhantes ao encontrado pelo estudo do Diniz et al. (2016), entretanto ao considerar o estudo do Norvilitis e Mendes-Da-Silva (2013) aplicado no EUA, 9,5% afirmaram não ter cartão de crédito, 46,5% afirmaram ter de um a três cartões e 34% ter quatro ou mais cartões.

Após observar a quantidade de cartões da amostra do estudo, apresenta-se a Tabela 3, em que é feita a descrição de cada variável com a quantidade de cartões.

Tabela 3 – Descrições das variáveis por cartões de crédito

		Quantos cartões de crédito você possui			Total
		0	1	2	
Gênero	Feminino	136	152	86	374
	Masculino	276	214	82	572
Possui ocupação profissional	Não trabalha	112	54	20	186
	Trabalha	300	312	148	760
Idade	16	2	0	0	2
	17	32	6	2	40
	18	34	28	4	66
	19	68	24	16	108
	20	64	36	6	106
	21	46	76	16	138
	22	38	40	18	96
	23	28	32	14	74
	24	16	26	6	48
	25	22	20	20	62
	26	10	14	10	34
	27	10	16	2	28
	28	14	10	10	34
	29	6	6	8	20
	30	8	4	6	18
	31	4	8	2	14
	32	4	4	12	20
	33	0	6	2	8
35	2	2	4	8	
36	0	2	0	2	

	38	0	0	2	2
	42	2	0	0	2
	43	0	2	0	2
	46	0	0	2	2
	50	0	2	0	2
	54	2	0	2	4
	55	0	0	2	2
	63	0	2	0	2
	69	0	0	2	2
Cursando qual semestre	1º	70	30	12	112
	2º	16	14	2	32
	3º	88	78	24	190
	4º	20	4	4	28
	5º	90	66	34	190
	6º	20	28	12	60
	7º	66	78	34	178
	8º	32	44	20	96
	9º	6	16	10	32
	10º	4	8	16	28
Sua renda está	1 (entre R\$ 400 e R\$ 600)	62	32	8	102
	2 (entre R\$ 600 e R\$ 1.000)	78	68	20	166
	3 (entre R\$ 1.000 e R\$ 1.200)	74	62	12	148
	4 (entre R\$ 1.200 e R\$ 1.600)	92	70	46	208
	5 (entre R\$ 1.600 e R\$ 2.000)	48	66	24	138
	6 (entre R\$ 2.000 e R\$ 3.000)	30	44	30	104
	7 (mais de R\$ 3.000)	28	24	28	80
Conversa com os pais sobre finanças pessoais	1 (nunca)	76	62	44	182
	2	118	76	42	236
	3	114	86	30	230
	4 (sempre)	104	142	52	298

Fonte: Dados da pesquisa.

Verifica-se que em relação ao gênero, o sexo masculino é que apresenta maior número em não ter cartão de crédito. Já no sexo feminino, a maioria utiliza apenas um cartão. Ao analisar a utilização de mais de dois cartões de créditos, o sexo feminino foi ligeiramente superior, o que é parcialmente convergente ao estudo do Hayshoe et al. (1999), os quais identificaram que na categoria de quatro ou mais cartões, predominava o sexo feminino.

Evidencia-se que a maioria dos estudantes utiliza apenas um do cartão. Quanto a idade, observa-se que a partir dos 21 anos, o uso de pelo menos um cartão de crédito se acentua em relação as idades inferiores.

Ao considerar o uso de cartões de crédito em relação aos semestres, pode-se inferir que, conforme o estudante de contabilidade progride na escala educativa, o uso de cartão aumenta, sobretudo a partir do 5º semestre em diante. Este achado pode ser explicado pelo reflexo da variável renda, visto que a partir do 5º semestre a renda também é maior e com

isso a utilização do cartão pode ser maior. Para Robb (2011), as empresas de cartão de créditos entendem os estudantes universitários atraentes, apesar de sua renda baixa, eles possuem potencial para galgar rendimentos muito mais elevados em um futuro próximo.

Em relação a variável conversar com os pais sobre finanças pessoais, observa-se que a não utilização de cartões de crédito possui baixa conversa com os pais, já que a maioria de quem conversa com os pais utiliza um ou até dois cartões. Hancock, Jorgensen e Swanson (2013) explicam que o envolvimento dos pais é necessário para determinar o comportamento dos estudantes universitários no uso dos cartões de créditos.

Após uma análise descritiva da amostra em relação ao uso de cartões de crédito, torna-se necessário a análise estatística no modelo apresentado para verificar a relação em as variáveis.

Os testes de verossimilhança se mostraram significantes, desta forma se evidencia que algumas das variáveis estudadas tem relação com o uso de cartões de crédito. Fávero et al. (2009) destacam que o teste da razão de verossimilhança consiste em um teste de hipóteses que compara a qualidade do ajuste de dois modelos. O valor de Nagelkerke é similar ao R² de regressão (FÁVERO, et al., 2009). Dessa forma, o pseudo-R² de Nagelkerke com valo de 0,395 proporciona poder de razoável explicação ao modelo.

Com estas informações, fez-se o uso da regressão logística multinomial, apresentada na Tabela 4 o resumo do modelo, sendo que a não utilização de cartão de crédito é a categoria de referência.

Tabela 4 – Resumo do modelo de regressão logística multinomial

Quantos cartões de crédito você possui	β	Modelo padrão	Wald	df	Sig.	Exp(β)	Intervalo de confiança 95% para Exp(β)	
							Limite inferior	Limite superior
Ordenada na origem	-2,975	0,498	35,736	1	0,000			
Gênero	-0,463	0,127	13,256	1	0,000*	0,629	0,490	0,807
Cursando qual semestre	0,358	0,130	7,586	1	0,006*	1,430	1,109	1,845
Idade	0,061	0,015	16,764	1	0,000*	1,063	1,033	1,095
Sua renda está	0,031	0,038	0,659	1	0,417	1,031	0,958	1,110
1 Possui ocupação profissional	0,807	0,164	24,312	1	0,000*	2,242	1,627	3,091
Conversa com os pais sobre finanças pessoais	0,255	0,056	20,792	1	0,000*	1,291	1,157	1,441
Educação financeira	-0,124	0,065	3,680	1	0,055**	0,883	0,778	1,003
Otimismo	0,001	0,020	0,003	1	0,960	1,001	0,962	1,042
Interação	0,004	0,027	0,019	1	0,890	1,004	0,952	1,058
Ordenada na origem	-4,805	0,643	55,827	1	0,000*			
Gênero	-0,752	0,165	20,835	1	0,000*	0,471	0,341	0,651
Cursando qual semestre	0,603	0,178	11,425	1	0,001*	1,828	1,288	2,594
Idade	0,104	0,017	39,393	1	0,000*	1,110	1,074	1,146
Sua renda está	0,207	0,050	17,464	1	0,000*	1,230	1,116	1,356
2 Possui ocupação profissional	0,911	0,237	14,822	1	0,000*	2,488	1,564	3,956
Conversa com os pais sobre finanças pessoais	0,063	0,073	0,740	1	0,390*	1,065	0,923	1,228
Educação financeira	-0,321	0,087	13,648	1	0,000*	0,725	0,612	0,860
Otimismo	-0,009	0,027	0,122	1	0,727	0,991	0,940	1,044
Interação	-0,065	0,035	3,510	1	0,061**	0,937	0,876	1,003

a. A categoria de referência é: 0.

* Sig. a 5%

** Sig. a 10%

Fonte: Dados da pesquisa.

Para o uso de 1 cartão, as variáveis gênero, semestre, idade, possui ocupação profissional, conversa com os pais, educação financeira são. Entretanto, o gênero tende a ser negativo, ou seja, se é mulher tende a não ter cartão de crédito, nesta mesma perspectiva a educação financeira apresenta-se negativa, sendo que pessoas com uma maior educação financeira tende a não utilizar o cartão de crédito. As demais apresentam um coeficiente positivo, sendo que, a variável profissão tem o maior coeficiente entre todos.

Em relação a todas as variáveis significantes para a utilização de um cartão de crédito em função de não utilização, o modelo final evidencia que se for do sexo masculino, não possuir educação financeira, cursar acima do 2º semestre, com ocupação profissional, o que reflete na sua renda, e ainda conversa com os pais sobre finanças pessoais, tem uma grande possibilidade de usar um cartão de crédito. Se for do sexo feminino tem maior retenção pelo coeficiente, também evidencia que a educação financeira tem grande influência na utilização do cartão de crédito.

Já em relação ao uso de 2 ou mais cartões, os resultados indicam que as variáveis gênero, semestre, idade, renda, profissão e educação financeira são significantes. De igual forma, para um cartão de crédito, as variáveis gênero e educação financeira apresentaram-se negativas para o uso de 2 ou mais cartões de crédito, juntamente com a variável interação, que consiste na união da educação financeira e o otimismo. No estudo de Diniz (2016) esta variável não foi significante. As demais apresentam um coeficiente positivo, sendo que, evidencia-se que a variável profissão tem o maior coeficiente entre todos.

As variáveis significantes para a utilização de dois ou mais cartões de crédito em função de não utilização, o modelo final apresentado diferencia-se do modelo para a utilização de apenas um cartão, pois a soma dos coeficientes não supera a soma dos demais. No entanto, a educação financeira ao ser maior faz com que essa diferença seja menor, pois no estudo de Robb (2011) ele aponta que a educação financeira é um fator significativo para a utilização mais responsável do uso do cartão de crédito.

Verificou-se que as variáveis estudadas podem justificar o uso de cartões de crédito. A variável renda foi significante para o uso de um, dois ou mais cartões, o que confirma o estudo de Diniz (2016) que quanto maior a renda mais chance de uso de cartão. Para tanto, o indivíduo deve ter uma maior escolaridade e um emprego, o que demonstraram ser significantes. Para Hayhoe et al. (1999) as variáveis gênero e idade foram significantes, assim como no presente estudo, evidenciando que quanto maior a idade tende a utilizar mais de um cartão de crédito.

Em comparação aos modelos, evidencia-se que as pessoas que utilizam 2 ou mais cartões de crédito tem uma renda maior, sendo que esta variável não se mostrou estatisticamente significante para 1 cartão. A variável conversar com os pais sobre finanças pessoais, se mostrou mais forte nas pessoas que utilizam 1 cartão de crédito.

Os resultados deste estudo podem contribuir com os estudos de Nakamura, Mendes-da-Silva e Moraes (2011) e Mendes-da-silva, Nakamura e Moraes (2012), de que a educação financeira pode influenciar o comportamento dos alunos para o uso do cartão de crédito.

5. Considerações Finais

O estudo teve o objetivo de analisar a relação da educação financeira e do otimismo no uso de cartões de crédito por estudantes do curso de Contabilidade, adotou-se utilização de dados provenientes de questionários aplicados aos estudantes. A abordagem do estudo foi quantitativa, sendo utilizados procedimentos estatísticos para responder à questão da pesquisa.

Os resultados demonstraram que 56,4% dos estudantes de contabilidade possuem cartão de crédito, sendo que apenas 17,8% do total utilizam 2 cartões ou mais, 38,7% possuem apenas um e 43,6% nenhum. Quanto a educação financeira, demonstra que grande parte dos estudantes não tem curso de finanças pessoais. Entretanto, mais da metade da amostra já pediu dinheiro emprestado, faz lista de compras e faz um orçamento pessoal. Os estudantes deste estudo também se demonstraram otimistas. A educação financeira foi significativa de forma negativa ao uso dos cartões de créditos. Contudo, o otimismo não foi significativo. Na interação entre educação financeira e otimismo, com o intuito de observar se essa combinação influencia no número de cartões de crédito dos estudantes, pôde-se observar a relação negativa. Assim, a educação financeira pode ponderar o otimismo destes estudantes de contabilidade na tomada de decisão relativa a assuntos financeiros.

Neste sentido, os resultados ainda podem sugerir que, ao considerar que os estudantes de contabilidade estudam o controle patrimonial durante sua escala educativa no curso, estes possuem maior conhecimento em educação financeira, o que pode influenciar no seu otimismo e, em consequência, no uso de cartões de crédito. Assim, conclui-se que estes discentes demonstram conhecimento adquirido, onde a formação acadêmica contribui para melhor tomada de decisão.

Este estudo ainda demonstra que outras variáveis foram significantes ao uso de cartões de créditos, o que contribui com informações sobre o comportamento que os estudantes de contabilidade adotam não só na condução da gestão financeira, bem como na vida.

Referência

APOSTOLOU, Barbara et al. Accounting education literature review (2006–2009). **Journal of Accounting Education**, v. 28, n. 3, p. 145-197, 2010.

BEAL, Diana J.; DELPACHITRA, Sarath B. Financial literacy among australian university students. **Economic Paper**, v. 22, n. 1, p. 65-78, 2003.

BODDINGTON, Lyn; KEMP, Simon. Student debt, attitudes toward debt, impulsive buying and financial management. **New Zealand Journal of Psychology**, v. 28, n. 2, p. 89-93, 1999.

CHEN, Haiyang; VOLPE, Ronald P. An analysis of personal financial literacy among college students. **Financial services review**, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998.

CRIDDLE, E. Financial literacy: goals and values, not just numbers. **Alliance**, v. 34, p. 4, 2006

DINIZ, PCO; SILVA, Pablo Rogers; BARBOZA, FLM; MENDES-DA-SILVA, W. A relação da educação financeira e otimismo no uso de cartões de crédito. **Espacios (Caracas)**, V. 37, p. 7-10 de 2016.

GUTTER, Michael; COPUR, Zeynep. Financial behaviors and financial well-being of college students: Evidence from a national survey. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 32, n. 4, p. 699-714, 2011.

FÁVERO, L. P., BELFIORE, P., SILVA, F. F., & CHAN, B. L. Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

HANCOCK, Adam M.; JORGENSEN, Bryce L.; SWANSON, Melvin S. College students and credit card use: The role of parents, work experience, financial knowledge, and credit card attitudes. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 34, n. 4, p. 369-381, 2013.

HAYHOE, Celia R.; LEACH, Lauren; TURNER, Pamela R. Discriminating the number of credit card held by college student using credit and Money attitudes. **Journal of Economic Psychology**, v. 20, p. 643-656, 1999.

JOO, So-Hyun; GRABLE, John E.; BAGWELL, Dorothy. Credit card attitudes and behaviors of college students. **College Student Journal**, p. 1-11, sept. 2003.

KUNKEL, Franciele I. R. et al. Comportamento de Risco Financeiro dos Estudantes Universitários no Uso do Cartão de Crédito: uma Análise Comportamental. In: XVI SEMEAD – Seminários em Administração, 16., 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEAUSP, 2013.

LYONS, Angela C. A profile of financially at-risk college students. **Journal of Consumer Affairs**, v. 38, n. 1, p. 56-80, 2004.

LYONS, A. C. Financial education and program evaluation: Challenges and potentials for financial professionals. **Journal of Personal Finance**, 4(4), 56–68, 2005.

MACFADYEN, A. J., MACFADYEN, H. W.; PRINCE, N. J. Economic stress and psychological well-being: an economic psychological framework. **Journal of Economic Psychology**, 17(3), 291-311, 1996. doi: 10.1016/0167-4870(96)00012-8

MANDELL, L. Financial literacy of high school students. In J.J. XIAO (Ed.), **Handbook of Consumer Finance Research**. New York, NY, Spring, 2007, p. 163-183.

MANNING, Robert D. **Credit cards on campus: Costs and consequences of student debt**. Washington: Consumer Federation of America, 1999.

MENDES-DA-SILVA, Wesley; NAKAMURA, Wilson T.; MORAES, Daniel C. Credit card risk behavior on college campuses: evidence from Brazil. **Brazilian Administration Review**, v. 9, n. 3, p. 351-373, july/sept. 2012.

MOORE, D. **Survey of financial literacy in Washington State: knowledge, behavior, attitudes, and experiences**. Olympia, WA, Washington State Dept. of Financial Institutions, 2003.

NAKAMURA, Wilson T.; MENDES-DA-SILVA, Wesley; MORAES, Daniel C. Determinantes de comportamento de risco no uso de cartões de crédito por estudantes universitários. In: XXXV EnANPAD – Encontro da ANPAD, 35, 2011, Rio de Janeiro,

Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2011.

NELLIE, M. Undergraduate students and credit cards: An analysis of usage rates and trends. **Retrieved January 25, 2005**, from <http://www.nelliemae.com/library/research.html>

NORVILITIS, Jill M.; MENDES-DA-SILVA, Wesley. **Attitudes toward credit and finances among college students in Brazil and the United States**. 2013. Working Paper.

NORVILITIS, Jill M.; MACLEAN, Michael G. The role of parents in college students' financial behaviors and attitudes. **Journal of Economic Psychology**, v. 31, p. 55-63, 2010.

PARKER, Simon C. New agendas in the economics of entrepreneurship: optimism, education, wealth and entrepreneurship. In: **3rd HE. WPEM (Hellenic Workshop on Efficiency and Productivity Measurement): "Industry Dynamics, Productivity, Entrepreneurship and Growth"**, University of Patras, June. 2006. p. 16-18.

REMUND, D. L. Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 284, 2010.

ROBB, Cliff A.; WOODYARD, Ann S. Financial Knowledge and Best Practice Behavior. **Journal of Financial Counseling and Planning**, v. 22, n. 1, p. 61, 2011.

ROBERTS, James A.; JONES, Eli. Money attitudes, credit card use, and compulsive buying among American college students. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 3, n. 2, p. 213-240, 2001.

ROGERS-SILVA, Pablo. **Psicologia do risco do crédito: análise da contribuição de variáveis psicológicas em modelos de credit scoring**. 2011. 244f. Tese (Doutorado) – Departamento de Administração, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

WILLIS, Lauren E. Evidence and ideology in assessing the effectiveness of financial literacy education. **San Diego Law Review**, v. 46, p. 415-447, 2009.

VAN ROOIJ, M.; LUSARDI, A.; ALESSIE, R. Financial literacy and stock market participation. **Journal of Financial Economics**, v. 101, n. 2, p. 449-472, Aug.2011.